

Índice

Volume 1	7
Volume 2	11
Capítulo Um	13
Capítulo Dois	29
Capítulo Três	47
Volume 3	63
Capítulo Um	65
Capítulo Dois	113
Volume 4	125
Capítulo Um	127
Capítulo Dois	145
Capítulo Três	167
Capítulo Quatro	186
Volume 5	197
Capítulo Um	199
Capítulo Dois	211
Capítulo Três	220
Capítulo Quatro	230
Capítulo Cinco	250
Volume 6	263
Capítulo Um	265
Volume 7	271
Capítulo Um	273
Capítulo Dois	287
Capítulo Três	303
Capítulo Quatro	322
Volume 8	325

Volume 1



O Sonho do Copeiro

Eis que, no meu sonho, havia uma videira diante de mim; e na videira havia três sarmentos que tinham rebentado e de onde emergiam as suas flores; e esses cachos davam origem a uvas maduras; eu tinha o copo do Faraó na mão; e peguei nas uvas e esmaguei-as para o copo do Faraó, e então coloquei o copo na mão do Faraó.

O Sonho do Padeiro

Eu também sonhei e eis que tinha três cestos brancos em cima da cabeça; e no cesto mais elevado havia todo o tipo de pastéis para o Faraó, e os pássaros comeram-nos do cesto na minha cabeça.

O Sonho do Faraó

O Faraó sonhou; e eis que estava na margem do rio. E eis que do rio apareceram sete bovinos belos e gordos de carne, que foram pastar num prado. E eis que mais sete bovinos emergiram do rio depois deles, feios e magros de carne; e pararam junto aos outros bovinos à beira-rio. E os bovinos feios e magros de carne comeram os bovinos belos e gordos. Então o Faraó acordou. E dormiu e sonhou uma segunda vez; e eis que sete espigas de trigo brotaram de um mesmo caule, exuberantes e boas. E eis que sete espigas magras e secas do vento oriental brotaram de seguida. E as sete espigas magras devoraram as sete espigas exuberantes e boas. Então o Faraó acordou e eis que era um sonho.



Volume 2



Capítulo Um

1

O crepúsculo instala-se num dia em finais do outono. O Sol desce sobre a planície oriental de Henan, uma bola cor de sangue tingindo a terra e o céu de um carregado tom carmesim. À medida que o vermelho se expande, o crepúsculo vai dando lentamente lugar à noite. O outono fica mais profundo; o frio, mais intenso. Todas as ruas da aldeia estão vazias e silenciosas.

Os cães estão nas casotas.

As galinhas estão empoleiradas nas capoeiras.

As vacas regressaram cedo dos campos de pasto e estão abrigadas sob os seus telheiros.

O silêncio é intenso. Todavia, mesmo nessa ausência de vozes ou de som, a Aldeia Ding continua viva. Sufocada pela morte, recusa-se a morrer. Nas sombras mudas do outono, a aldeia mirrou a par da sua gente. As pessoas mingam e definham juntamente com os dias, como cadáveres enterrados debaixo da terra.

A vegetação na planície ficou seca e quebradiça. Todas as árvores estão despidas; as colheitas murcharam. Os habitantes da aldeia estão encolhidos dentro das suas casas, para não mais emergirem.

Desde que o sangue chegou. Desde que o sangue correu vermelho.

O crepúsculo já se estendera sobre a planície quando por fim o meu avô Ding Shuiyang regressou da cidade. Chegou na camioneta de longo curso que faz o trajeto entre o condado de Wei e a distante cidade de Kaifeng, a camioneta largando-o na berma da estrada principal, qual folha caída.

A estrada de betão que liga a Aldeia Ding ao mundo exterior foi construída há dez anos, quando todos na aldeia se viram envolvidos no *boom* da venda de sangue. Parado na berma da estrada contemplando a aldeia, o Avô sentiu uma rajada de vento que pareceu limpar-lhe a mente e repor a ordem nos seus pensamentos caóticos. Coisas que antes não compreendera começaram a fazer sentido. Pela primeira vez desde que deixara a aldeia de manhã bem cedo, para se encontrar com os quadros do condado, o nevoeiro pareceu dissipar-se. Aí, parado na berma da estrada que ligava a Aldeia Ding ao resto do mundo, ganhou consciência de uma realidade. A constatação de que as nuvens são um prenúncio de chuva. Que o final do outono gera o frio do inverno. Que os que tinham vendido o sangue há dez anos agora teriam a febre. E que os que tinham a febre iriam morrer, tão certo como a queda das folhas.

A febre escondia-se no sangue; o Avô escondia-se nos sonhos.

A febre amava o seu sangue; o Avô amava os seus sonhos.

O Avô sonhava praticamente todas as noites. Nas últimas três noites tivera o mesmo sonho: *as cidades que visitara — Kaifeng e o condado de Wei, cujas redes de canalização subterrâneas faziam lembrar teias de aranha — jorravam sangue. E das rachas e curvaturas dos canos, dos cotovelos e tubos em forma de U, o sangue esguicha como água. Uma fonte de chuva salobra borriça o ar; um assalto vermelho-vivo aos sentidos. E aí, na planície, ele viu os poços e os rios completamente vermelhos, râncidos com o fedor a sangue. Em todas as cidades e povoações, médicos choravam ao mesmo tempo que a febre se disseminava. Mas nas ruas da Aldeia Ding, um médico solitário estava sentado a rir-se. Banhada na luz dourada do Sol, a aldeia estava silenciosa e tranquila, os seus moradores, fechados atrás de portas trancadas. Mas dia após dia, o médico, vestido com a sua bata branca e com a mala aos pés, sentava-se num pedregulho debaixo das sóforas e ria-se. Ah, ah, ah, ah, ah. A luz solar ficava prenhe de risos. Uma sonora gargalhada de fazer vibrar a barriga, ecoando clara como uma campainha, forte o suficiente para abanar as árvores e fazer chover folhas amarelas, qual brisa de outono...*

E quando o sonho terminara, os quadros do condado — os mandachuvas — convocaram o Avô para uma reunião. Uma vez que a Aldeia Ding já não tinha um presidente, era ao Avô que competia comparecer. Ele regressara à aldeia com um entendimento sobre determinados factos, como uma série de elos numa corrente.